

UNIVERSIDADE DO MINHO

DIA DA UNIVERSIDADE

Cerimónia de Comemoração do Aniversário

Alocação do Presidente

do Conselho Geral da Universidade

Professor Luís Valente de Oliveira

Braga

17 de fevereiro de 2020

A Universidade do Minho tem razões para se congratular pelo que fez ao longo dos quarenta e seis (1974-2020) anos da sua existência.

As universidades existentes à data da sua fundação não davam vazão às necessidades de formação que se iam manifestando. Estavam, além disso, concentradas em Lisboa, Porto e Coimbra, o que dificultava o acesso de muitos candidatos de fora dessas cidades. Poucas famílias dispunham de meios para suportar os filhos longe de casa para adquirir uma formação superior.

Nessa ocasião ainda se pensava somente na função da educação que o ensino superior facultava. Mas ela era essencial para proporcionar oportunidades para prosseguir na carreira a muitos jovens dotados com as capacidades necessárias e que, por razões materiais, tinham de ficar limitados a formações e empregos que não lhes possibilitavam alcançar o topo.

Por outro lado, havia a pretensão de promover algum equilíbrio em matéria de oportunidades. Para isso foram estabelecidas novas instituições de ensino superior universitário ou politécnico em algumas cidades com capacidade de polarização de vastas áreas à sua volta, na esperança de assegurar aos jovens dessas zonas instrumentos de formação que lhes permitissem participar na vida colectiva em posições mais destacadas e, simultaneamente, ocuparem posições remuneradas de modo mais interessante.

Essas novas instituições abriram muitos novos horizontes aos jovens portugueses.

Não é este o momento adequado para fazer a história dessa decisão verdadeiramente transcendente, nem de ensaiar uma avaliação, mesmo somente aproximada, das consequências da mesma em termos do

desenvolvimento das suas áreas de influência. Até porque estas transbordaram muito as fronteiras inicialmente imaginadas e hoje estendem-se a todo o espaço nacional e mesmo ao estrangeiro porque é grande o peso dos estudantes de fora que frequentam os diversos estratos de formação das nossas universidades.

Vale a pena, todavia, fazer um retrato instantâneo do que é hoje a Universidade do Minho, através de meia dúzia de indicadores.

O número total de estudantes inscritos é quase vinte mil. São cerca de 1300 em cursos de licenciatura e mestrados integrados.

Nos cursos do 2.º ciclo são quase 5000 estudantes e nos de 3.º ciclo cerca de 1100.

Coisa nova é a variedade das suas nacionalidades de origem. Nos primeiros há trinta nacionalidades diferentes; nos segundos sessenta e uma e nos terceiros cinquenta e três. É curioso que venham para o 2.º e para o 3.º ciclo praticamente o dobro das nacionalidades daqueles que frequentam o primeiro. São, manifestamente, atraídos pela qualidade do ensino e da prática que lhes são proporcionadas. A maior parte virá atraída quase exclusivamente por isso, porque não será seguramente pelas oportunidades de emprego no nosso país que eles virão. Haverá, também, alguma influência do custo de vida e do custo das propinas que são moderados em termos internacionais. A sua decisão deve articular todos estes factores, além da segurança e da qualidade de vida. Mas é certo que à frente de todas elas estará o padrão de ensino, da investigação e da preparação para as respectivas carreiras profissionais.

Tudo isso é feito por um corpo de docentes de cerca de 1300 membros, complementados por 350 investigadores. Dos docentes há 1000 doutorados e

entre os investigadores eles são a quase totalidade. Nunca houve tantos elementos com formação tão avançada.

E também nunca houve, como há hoje, tanta preocupação com a qualidade do ensino, com a ética, com o apoio aos estudantes, com a provedoria institucional e dos discentes, com o desporto universitário, com a formação integral e com o alargamento da mundividência dos que frequentam a Universidade.

Para a qualidade da formação e alargamento de horizontes, conta muito a diversidade das Escolas e Institutos que integram a Universidade. São doze as Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação. Mas há outros instrumentos para fomentar a ampliação da mundividência. Um dos principais é, naturalmente, o programa Erasmus que muitos consideram como uma das iniciativas mais bem-sucedidas da União Europeia. Contam, também, muito para isso as parcerias de investigação e das colaborações várias interpretadas pelos docentes e investigadores, a presença em Braga e Guimarães de numerosos estudantes, com outras formas de olhar o mundo. E, para o dinamismo da Universidade, são importantes as ligações que ela soube entretecer com o tecido económico e com as instituições de natureza variada do espaço circundante.

Em pouco mais de quatro décadas foi possível criar uma Universidade com 20000 estudantes e quase 1700 docentes e investigadores, projectando-se um mapa universitário europeu e conseguindo uma reputação sólida de qualidade pedagógica, de capacidade de preparação profissional e de investigação científica e tecnológica cujos resultados são mobilizados pelo tecido empresarial envolvente, apoiado por unidades nacionais ou estrangeiras.

É interessante, também, apreciar o número de protocolos e de convénios celebrados pela Universidade do Minho com outras instituições. A Universidade

do Minho tem 1931 protocolos activos com instituições de ensino superior de 93 países. A grande maioria são, naturalmente, acordos Erasmus (1430 acordos). Mas há cerca de 500 que respeitam à cooperação institucional e suportam projectos de ensino, investigação e interação com a sociedade.

Quer tudo isto dizer que a Universidade do Minho se soube robustecer internamente e tecer relações de cooperação com instituições europeias e do resto do mundo, assegurando uma larga vista a estudantes e a docentes, como deve ser próprio de uma universidade.

Variedade interna de campos de formação e de investigação. Variedade externa nas relações de colaboração. Geograficamente está localizada numa região periférica da União Europeia. Em termos das actividades, ela pertence ao centro porque soube diversificar as suas relações com instituições de todo o mundo, com as quais colabora em matéria de investigação e de formação.

Da sua acção multimoda resultou uma conquista intangível: a confiança!

Não surpreenderá que eu valorize particularmente este aspecto. Infelizmente, no nosso país e na esfera universitária, houve demasiados aproveitamentos oportunistas da situação pouco vigiados que iludiram a confiança de alguns incautos e proporcionaram aberturas fáceis a muitos sabidolas.

As instituições, como as pessoas, só se afirmam pela seriedade do seu trabalho e pela aplicação com que se entregam às suas tarefas.

Estou seguro de que iremos todos passar a ouvir falar mais sobre a confiança. Confiança nos materiais, confiança nos produtos, confiança nos serviços, confiança nas máquinas, confiança nas pessoas... confiança em tudo!

Isso decorre da intensificação das inter-relações e das trocas. Nunca o mundo esteve tão interligado como no nosso tempo. Nunca tantos dependeram de muitos mais, como sucede nos nossos dias.

A preocupação com a segurança invade todos os campos, desde as ligações informáticas até à papa dos bebés. Nunca houve tanta gente tão preocupada com o medicamento que ingere nem tantos a ingerirem tantas pílulas.

Ora, para que a nossa vida não se torne insuportável de suspeitas em relação a tudo o que nos rodeia, é preciso desenvolver mecanismos de certificação de bens e serviços.

A Universidade do Minho sabe isso muito bem no campo tecnológico, porque mantém relações estreitas com o tecido empresarial com o qual colabora. Mas tem de estender o seu conhecimento e prática aos serviços e aos bens com componentes intangíveis expressivas porque a procura de serviços de garantia ou de certificação irá estender-se a esses domínios.

É evidente que, para poder fazê-lo para fora terá de começar por fazê-lo para dentro, garantindo a alta qualidade dos serviços que presta, quer no campo da educação alargada e enquadradora do carácter de cada um, como no da formação, como no da pesquisa sobre novos conhecimentos... Tem de certificar todas as suas actividades, assegurando a sua qualidade e tem de o fazer saber à colectividade.

Por isso, eu atribuo muita importância às avaliações do mais diverso género a que a Universidade se sujeita. Uma avaliação representa um exercício de humildade democrática e, por parte de quem a ela se submete, uma prova

demonstrativa de quem não tem nada a esconder e de que quer aprender continuamente para melhorar o que faz.

Qualquer instituição – e particularmente uma universidade – tem de adoptar uma postura reformista permanente. A vida é mudança e todos nos devemos adaptar aos novos condicionamentos, aproveitando naturalmente as oportunidades que forem surgindo. Temos de ser do nosso tempo, não nos convindo as posturas nostálgicas. Uma coisa é conhecer o passado e aprender com ele. Outra coisa é suspirar por um tempo que não voltará. Por isso, os responsáveis – que somos todos nós – devem interrogar-se àcerca da melhor forma de desempenhar as funções que lhes estão atribuídas. Há sempre oportunidade para desempenhá-las com maior eficácia, para proveito geral. Não devem ser tolerados acomodamentos aos lugares que, sucede, cada um desempenhar. Cada função tem sempre um desafio implícito. São conhecidos os vícios das sociedades pouco dinâmicas. Parece haver uma propensão para elas prolongarem os seus atributos por moleza no desempenho das tarefas que competem a cada um. Haverá sempre quem seja inconformista e puxe. Mas também haverá quem se encoste!... Ora estes devem saber que são valorados negativamente pela sociedade, não devendo ficar surpreendidos se estagnarem nos seus postos.

Em toda a grande variedade institucional que guarnece qualquer grande grupo humano moderno há exemplos de instituições dinâmicas e de outros que se deixam arrastar. É comum afirmar-se que as empresas são mais activas porque o meio envolvente é feroz na punição daquelas que não lutam e acaba com elas. No extremo oposto estão algumas instituições públicas que vivem no conforto de não terem de pugnar por receitas que as sustentem. Ora isso pode suceder durante algum tempo, mas não durante todo o tempo. Durará até os

outros se convencerem de que, afinal, a instituição em causa é dispensável, impondo-se acabar com ela ou reformá-la de cima a baixo. Quando isso sucede, os acomodados sobressaltam-se, mas, correntemente, já é tarde.

A mudança é a regra, na vida das pessoas e das instituições. As universidades não escapam à norma, mesmo que ela tenha de ser apreciada num prazo dilatado.

Na literatura relativa à evolução das universidades tornou-se costume distingui-las em quatro gerações:

1)- Na primeira geração incluem-se aquelas que só provêm à educação, naturalmente segundo parâmetros elevados, mas limitando-se a essa esfera. Ora isso continua a ser necessário, mas já não é suficiente.

Em larga extensão foi essa a universidade que eu frequentei, como aluno, há sessenta anos atrás.

2)- Na segunda geração de universidades, estão aquelas em que já figuram tarefas de investigação conduzidas pelos académicos que nelas ensinam. A qualidade da produção é avaliada pelas comunicações que apresentam e pelas revistas ou livros em que elas aparecem. Algumas vezes há investigadores que coadjuvam os académicos, mas a relevância do que fazem é fundamentalmente apreciada pelos pares dos autores.

Também, em larga extensão, era esta a universidade em que eu ensinei há quarenta anos atrás.

A transição para uma nova geração não costuma fazer-se de modo sincronizado para todas as faculdades e para todos os departamentos dentro de uma faculdade. Ainda hoje há unidades orgânicas dentro de uma universidade

que se encaixam melhor no grupo da primeira geração do que no da segunda e outros que já estão a dar o salto para a terceira e, mesmo, para a quarta geração.

3)- Na terceira geração as tarefas anteriores são desempenhadas, naturalmente pelas escolas, mas a apreciação da actividade da universidade é também feita considerando a quantidade e a importância dos resultados da investigação que nela é realizada por parte dos chamados “actores locais”, ou sejam, as empresas e outras instituições localizadas na área de influência da universidade.

Esta foi a universidade que eu tentei impulsionar quando tive a tutela da Ciência e Tecnologia, há trinta anos atrás.

4)- Na quarta geração das universidades, incluem-se aquelas que são capazes de melhorar, de forma determinante, a competitividade de toda a região em que estão implantadas, considerando os efeitos da globalização e de outros processos da evolução económica que tenham influência nas estruturas regionais e comandem a sua prosperidade, reclamando por isso um acompanhamento permanente e uma acção consequente, tendo sempre em vista a prosperidade do conjunto.

Quem observa o que se passa na Universidade do Minho, sabe que, no seu conjunto ela se situa, confortavelmente, no grupo das universidades de 3.^a geração, podendo acalentar ambições de passar às da quarta geração em alguns sectores nos quais tem feito progressos manifestos.

Passar do zero ao vestíbulo da quarta geração em quarenta anos é obra!

Mas ainda há muitos desafios a vencer para consolidar a sua inserção nas universidades de 3.^a geração.

O número crescente de alunos, de todos os ciclos, determinará grandes pressões sobre a qualidade do ensino e da investigação que se faz.

A forma de gestão terá de ser continuamente revisitada. Já não será possível adoptar as técnicas usadas nas empresas nem, muito menos, as próprias da administração pública. É corrente, em instituições de fins predominantemente sociais geridas por empresários, detectar uma insatisfação geral: os gestores vêem que as suas formas de proceder não dão o resultado esperado; os geridos queixam-se da falta de sensibilidade por parte de quem os gere. Será bom que as universidades que dispõem de departamentos de gestão lhes solicitem o desenvolvimento de um corpo de doutrina e de procedimentos práticos específicos para elas próprias e que poderão ser inspiradores para as muitas formas de instituições com um peso expressivo da sua componente social e que reclamam a adopção de modos de operar muito mais complexos do que os que são tradicionalmente ensinados nas “Business Schools”.

Por outro lado, cada universidade deve dispôr de um “observatório de gestão”, pequeno, mas formado por profissionais de topo, para acompanhar o que se faz e sugerir procedimentos que dêem respostas inovadoras a muitos dos problemas detectados.

O alargamento das fronteiras a que se assiste e que faz convergir discentes, docentes e investigadores oriundos de culturas muito diversas, põe problemas específicos que não podem ser ignorados.

A diversidade de parcerias com as quais se celebram contratos de investigação ou de apoio põe desafios novos às universidades.

Por outro lado, essa investigação ou apoio serão cada vez mais de natureza interdisciplinar, o que reclama a colaboração entre departamentos ou

mesmo escolas ou faculdades diversas. É preciso aprender a praticar investigação transversal. Algumas vezes bastará para isso uma conversa informal, mas haverá situações em que estarão envolvidos dinheiros e que, por isso, aconselham a estabelecer verdadeiros contratos. Há pouca ou nenhuma experiência nesse campo. Mas vai ser preciso desenvolvê-la.

Os custos da investigação dita “fundamental” irão crescer, sendo difícil encontrar quem a financie. Haverá meios para desenvolver novas técnicas e problemas concretos. Já não será tão fácil encontrar recursos para fazer face aos custos da chamada investigação “pré-competitiva”. Terá de ser articular a realização desta com a investigação fundamental, tentando distribuir encargos. As coisas complicam-se, ainda mais, quando se tratar das Ciências Humanas, consideradas tradicionalmente como o parente pobre na distribuição de fundos.

Há, por outro lado, a concorrência das grandes instituições temáticas colocadas ao lado das universidades e que absorvem meios humanos e financeiros que poderiam ir para estas. Mas é certo que eles irão continuar e mesmo multiplicar-se porque as necessidades determinadas pelo progresso científico e tecnológico exigem uma eficácia nas respostas que só será alcançada por via de uma grande concentração de meios.

Iremos continuar a assistir a pressões, do lado dos governos para que as universidades façam mais, gastem menos, diversifiquem as suas fontes de receita e contribuam de modo mais decisivo para o crescimento geral e para o desenvolvimento.

As empresas já descobriram que pode ser virtuoso o aprofundamento das relações com a universidade. Ou, dito de outra forma, passaram a dar mais valor ao conhecimento. Isso irá conduzir ao crescimento das solicitações por parte delas e é preciso disponibilidade e empenhamento para as ouvir ou para as

auscultar e, na sequência, para dar seguimento à satisfação das suas necessidades.

Finalmente, temos vindo a assistir ao aparecimento e expansão de uma nova forma de empreendedorismo: a dos investigadores, a dos alunos mais avançados e as mistas que juntam os dois tipos de actores. Poderíamos chamá-lhe o empreendedorismo académico. Algumas vezes fica-se surpreendido pelo seu sucesso. Ele tem de ser apoiado porque representa uma medida do êxito da própria universidade. Mas representa uma nova fonte de acção.

Nenhum destes tópicos que eu aponte é estranho à Universidade do Minho. Ela já sentiu todos estes problemas e já experimentou também os desafios que alguns deles representam. Por isso eu disse que ela já está inserida, plenamente, na 3.ª geração das universidades. Neste particular, o que se impõe é consolidar as respostas dadas a problemas conhecidos e, especialmente, encontrar formas para enfrentar com eficácia a sua generalização e o crescimento de cada um.

A entrada na 4.ª geração já foi anunciada, especialmente através da celebração do contrato com a Bosch e de uma multiplicação potencial de operações semelhantes que arrastem o tecido económico da Região, do País, alterando de modo patente a sua competitividade. Mas isso não sucederá automaticamente. Terão de ser desenvolvidas acções específicas para o conseguir. Isso constitui um desafio acrescido para a Universidade.

Senhor Reitor,

Senhores Professores,

Caros Estudantes,

Estimados Funcionários:

Suponho que todos têm razões fundamentadas para estarem orgulhosos pelo que já fizeram em matéria de “construção institucional”. A nossa Casa afirmou-se, consolidou-se e está pronta para dar um novo salto. Mas isso irá reclamar muita reflexão e esforço. Terá de haver mudança! Sem reformas, nem nos adaptaremos aos novos tempos, nem inovaremos nas formas de proceder. Esse movimento não tocará só aos académicos. Envolverá também funcionários e estudantes.

Sucede que todos já deram provas de que enfrentam a inovação e a mudança como naturais. Será preciso uma grande dedicação para ultrapassar as dificuldades. Mas o que foi conseguido no passado responde pela segurança com que se irão resolver os problemas do presente e do futuro.

Desejo a todos as maiores felicidades.